

Herói ou vilão? A imagem política de Fernando Collor de Mello representada nas cartas dos leitores publicadas pela revista *Veja* no ano de 1989

Willian Santos Pereira¹

A DÉCADA PERDIDA

A década de 1980, no Brasil, foi marcada pelo processo de transição política da ditadura à democracia. Esse processo foi marcado por diferentes momentos: Lei da Anistia, “Diretas Já”, eleições indiretas para Presidente em 1985, Constituinte e a promulgação da Constituição Federal de 1988 que, assim como as eleições presidenciais de 1989, são eventos que fazem parte da construção dessa nova fase do sistema político brasileiro. Diferente das outras transições políticas ocorridas no Brasil, que foram comandadas pela elite ou por uma minoria da população², a redemocratização se destaca pelo interesse e participação popular, evidenciando a insatisfação e o desagrado da população em relação ao governo e à situação em que o país se encontrava.

Parte da população trazia consigo uma série de frustrações resultantes das desventuras ocorridas durante o período de redemocratização. No decorrer da década de 1980, o país enfrentou uma intensa crise econômica e por isso alguns autores chamam essa época de “Década Perdida”, pois a crise desestabilizou a situação de milhares de empresas brasileiras³. Os anos de 1983 e 1984 foram marcados por manifestações populares em prol de eleições diretas, as chamadas “Diretas Já”, movimento frustrado devido à não aprovação da proposta reivindicada pelo povo, a Emenda

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS) da UFRJ, sob orientação da Profa. Dra. Andrea Casanova Maia. E-mail: willian.santoshistoria@gmail.com.

² SADER, Emir. *A transição no Brasil: Da ditadura à democracia?* – São Paulo: Atual, 1990. p. 1.

³ *Ibidem*. P. 3.

Dante de Oliveira. A eleição de Tancredo de Almeida Neves para a presidência da República no pleito presidencial indireto em 1985 foi motivo de esperança para grande parte da sociedade, no entanto, sua morte em 21 de abril do mesmo ano encheu novamente o cenário brasileiro de dúvidas e desalento, situação que perdurou durante todo o governo José Sarney, que concluiu o mandato deixando de herança um país em grave crise econômica.

Ao analisar os principais atores da redemocratização, a participação popular consolida-se como agente de grande importância em todo o processo de transição política. José Murilo de Carvalho destaca a valorização que o conceito cidadão recebe após o fim da ditadura militar, enfatizando o brasileiro como peça fundamental para a consolidação da democracia no Brasil⁴. Ao analisarmos de forma concisa o cenário político e social da época constatamos que o eleitorado de 1989 trazia consigo diversas incertezas, mas que sentia esperança por finalmente ter em mãos o direito ao voto, que era visto por muitos como a salvação nacional⁵. A atuação popular na eleição presidencial de 1989 se destaca também pelo crescimento do eleitorado que passou de 12,5 milhões em 1960 para 70,2 milhões em 1989⁶. O aumento justifica-se pela adesão, na Constituição Federal de 1988, ao voto facultativo os maiores de 16 anos e menores de 18 anos, analfabetos e maiores de setenta anos, e o voto obrigatório para homens e mulheres entre 18 e 69 anos, de nacionalidade brasileira⁷.

Após vinte e nove anos sem eleições diretas para presidente da república, a eleição presidencial de 1989 proporcionou, pela primeira vez a uma grande parcela da população, o voto direto para escolha do novo presidente do país. Vinte e dois candidatos disputaram o cargo, e é neste conturbado cenário político, econômico e social que o candidato Fernando Collor de Mello se fortaleceu. Collor, ex-prefeito de Maceió e ex-deputado federal, renunciou ao mandato de governador do estado de Alagoas para lançar sua candidatura à presidência do país. Considerado por muitos

⁴ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil, o longo caminho*. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 7.

⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Ibidem*. p. 204.

⁶ Disponível em <https://www.sites.google.com/site/atlaseleicoespresidenciais/1989> Acesso: 27 de outubro de 2015.

⁷ BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao_compilado.htm Acesso: 27 de outubro de 2015.

como novato, se candidatou, aos 39 anos de idade, pelo Partido da Renovação Nacional (PRN), com Itamar Franco como seu vice.

Collor, durante o período de campanha, construiu uma imagem para os eleitores de que seria um político diferente, moderno, que implementaria as reformas que o país necessitava. Devido às suas ideias e ao destaque do candidato no cenário político, o mesmo conquistou parte do eleitorado. Segundo o instituto Datafolha, Collor, em julho de 1988, possuía 42% das intenções de voto⁸, demonstrando grande vantagem em relação aos demais candidatos. Fernando Collor de Mello venceu o primeiro turno das eleições de 1989 com 28,52% dos votos e, no segundo turno, derrotou Luiz Inácio Lula da Silva com 49,94% dos votos⁹, substituindo José Sarney na Presidência da República e tornando-se o mais jovem presidente da história do Brasil.

A IMPRENSA E FERNANDO COLLOR DE MELLO

A década de 1980 se destaca pela inserção cada vez mais abrangente dos meios de comunicação no dia a dia da população. A mídia buscou, de diferentes maneiras, noticiar e debater os acontecimentos desses anos de incertezas políticas e econômicas. Apesar da crescente participação da televisão no cotidiano, durante a década de 1980 a mídia impressa continuou sendo uma efetiva fonte de difusão de informação.

Até os dias atuais, a memória popular atribui à revista *Veja* favorecimento a Collor durante o período eleitoral. Para tentar evitar subjetividades e julgamentos sem investigação durante a pesquisa e análise, tornou-se necessário entender a relação de Collor com os meios de comunicação da época. Mario Sergio Conti contextualiza tal questão e discute a relação de Collor com a mídia, apresentando as estratégias utilizadas pelo candidato para sobressair na imprensa durante o período eleitoral, moldando sua imagem para o público a partir de pesquisas de opiniões e se adequando às expectativas da grande parcela da população. Essa pesquisa mostrou a Collor e sua equipe que parte da população almejava um presidente que combatesse a corrupção, que tivesse forças para tirar o Brasil do subdesenvolvimento e que tivesse ainda um

⁸ “Braçadas tranquilas”. *Veja*, São Paulo. Edição 1.084, n. 24, junho de 1989. p.39.

⁹ Disponível em <https://www.sites.google.com/site/atlasleicoespresidenciais/1989> Acesso: 27 de outubro de 2015.

passado limpo¹⁰. Conti, ao relatar sobre a aproximação de Collor com o corpo editorial de Veja, analisa a produção da edição 1020 da revista, intitulada, “Collor de Mello. O Caçador de Marajás”. Essa edição contribuiu para o reconhecimento do futuro candidato à presidência em nível nacional e a expressão presente na capa, “O Caçador de Marajás”, tornou-se atributo para denominar o personagem, apresentando-o como forte combatente da corrupção.

A revista Veja, publicada e distribuída pela Editora Abril, teve sua primeira edição nas bancas no dia 11 de setembro de 1968. Analisando a sessão Carta do Editor de sua primeira publicação, escrita pelo então editor e diretor da Editora Abril, Victor Civita, podemos identificar alguns dos objetivos por trás da publicação da revista, entre os principais, ele demonstra que o corpo editorial pretendia publicar uma das revistas mais influentes no Brasil, como na frase a seguir: “Onde quer que você esteja, na vastidão do território nacional, estará lendo estas linhas praticamente ao mesmo tempo que todos os demais leitores do País. Pois Veja quer ser a grande revista semanal de informação de todos os brasileiros”¹¹.

Além de reconhecimento nacional, a revista desejava um Brasil de forma unida, sem regionalismos e preconceitos e que isso poderia ser feito através da informação. A revista tinha como objetivo apresentar ao povo brasileiro os mais diversos assuntos, tecnologia, ciência, negócios, religião e educação são alguns dos assuntos citados por Victor Civita em sua Carta do Editor. A revista Veja cobriu toda a trajetória de Collor durante a eleição presidencial de 1989. No decorrer desse período, foram publicadas 50 edições e em suas páginas encontramos várias referências a Collor. Segundo o Almanaque Abril do ano de 1990, Veja foi considerada a revista de maior circulação no território nacional nos anos de 1987 e 1988, com média de circulação paga de 774,4 mil e 739,3 mil respectivamente¹².

A TEORIA CIRCULAR DE COMUNICAÇÃO

A ideia de que a comunicação era estabelecida de forma linear,

¹⁰ CONTI, Mario Sérgio. *Notícias do Planalto: A imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 97.

¹¹ CIVITA, Victor. Carta do Editor. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, a 01, n. 1, p. 20-21, set. 1968.

¹² *Almanaque Abril: A Enciclopédia em um volume*. São Paulo: Editora Abril, 1990.

ou seja, de que o emissor transmitia uma mensagem ao receptor e de que esse segundo sujeito apenas receberia a informação, não fazendo ele também parte da comunicação de forma ativa perdeu força¹³. A partir dos anos 1950, novos estudos passaram a afirmar que a comunicação é algo circular, que a relação do receptor com o texto é também ativa, uma vez que apropria-se, interpreta, critica, responde e assim também torna-se um emissor¹⁴.

A teoria circular da comunicação valorizou o receptor, que fora transformado em coenunciador. O enunciador, a partir dessa teoria, deixou de ser visto como dominante e passou a dialogar com o leitor. Quem publica pensa em determinado público e espera uma resposta, um diálogo entre as partes. Segundo Diana Pessoa de Barros, devido a essa mudança teórica, a comunicação deve ser, portanto: “(...) repensada, nesse quadro, não mais como um fenômeno de mão única, do emissor ao receptor, mas como um sistema interacional. Nesse sistema interacional importam não apenas os efeitos da comunicação sobre o receptor, como também os efeitos que a reação do receptor produz sobre o emissor”¹⁵.

Mikhail Bakhtin, ao dialogar sobre a compreensão e fronteiras de um enunciado, diz que todo ato de compreensão implica uma resposta¹⁶, logo, a compreensão e apropriação do leitor sobre determinado texto promove um diálogo entre o enunciador e o leitor. Os jornais e revistas, cientes de seu público, elaboram seu conteúdo pensando em sua recepção. Seus leitores precisam se identificar com o tema, se interessar pelo produto para assim continuar adquirindo o mesmo. Essa teoria é essencial para entendermos como o leitor se torna enunciador e qual o seu papel na imprensa.

AS CARTAS À REDAÇÃO E O CAÇADOR DE MARAJÁS

Apesar do apelo social da mídia, a relação dos leitores era bem diferente da que assistimos no cenário atual, em que a interatividade com o público é intensa e buscada. Assim, ao pesquisarmos registros

¹³ CRESTANI, Luciana Maria. *A Participação do Leitor Como Co-Enunciador em Jornais Impressos e On-Line: Abordagem À Luz da Enunciação*. Vivências. Vol. 6, N. 9, Maio/2010. p. 36.

¹⁴ CRESTANI, Luciana Maria. *Idem*.

¹⁵ BARROS, Diana Luz Pessoa de. “A Comunicação Humana”. In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística - Volumes 1 e 2: A comunicação humana*. p. 48.

¹⁶ BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 339.

e testemunhos sobre a época em questão, nos deparamos com as Cartas à Redação, que a partir da teoria circular da informação, se tornaram a forma mais usual de diálogo entre os meios de comunicação e o público. As cartas permitiram, ao então remetente, expor sua opinião, criticar ou comentar o que foi publicado. Ao estudar esse tipo de fonte é importante compreender que cartas enviadas às redações são documentos escritos que dialogam com o público, fazendo assim o leitor se transformar também em um enunciador.

Ao utilizar tais cartas públicas como fonte histórica é importante estar ciente de que tais publicações possuem relevantes diferenças das cartas privadas, portanto, não podem ser tratadas da mesma forma. Essa seção não faz o diálogo apenas entre o leitor e o corpo editorial. Diferente das correspondências particulares, as cartas à redação, ao possuírem um caráter público, proporcionam a interação entre os remetentes e os leitores¹⁷. As cartas à redação ainda são fontes pouco exploradas pela pesquisa historiográfica, elas são registros, testemunhos, e a partir delas podemos descobrir e analisar a opinião de parte do público do impresso sobre determinados assuntos. Essa fonte de pesquisa nos permite perceber expectativas, recepções, frustrações e outras formas de expressão, que são elementos de discurso recorrentes nesse tipo de texto.

Segundo Cristina Teixeira Vieira de Melo, as cartas à redação possuem vários atos de fala que podem variar entre reclamações, críticas, protestos, denúncias, lamentações, pedidos, respostas, informações, esclarecimentos, correções, elogios, congratulações, agradecimentos, apoio etc. O remetente da carta passa através das cartas à redação a:

Participam do debate público, podem se fazer ouvir, opinam sobre o que está acontecendo nas diferentes esferas sociais, podem tomar parte nas discussões de caráter político, econômico e social que estão em foco. A carta à redação transforma-se, portanto, num espaço de discussão, de embate de opiniões. Nas cartas, os leitores defendem ideias, doutrinas, crenças, ou seja, posicionam-se publicamente como sujeitos¹⁸.

¹⁷ MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Campinas, São Paulo, 1999. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. p. 23.

¹⁸ MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Campinas, São Paulo, 1999. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. p. 25.

Tais cartas ainda são publicadas em seções reservadas entre as primeiras páginas de revistas e jornais impressos e servem de espaço para o leitor dar respostas, sugestões e opiniões sobre o conteúdo de edições anteriores, comentando assim reportagens, artigos e notícias recentes. Como sabemos, os meios de comunicação não são imparciais, eles expressam o pensamento e a ideologia de seus editores e a seção “Cartas à redação” pode ser percebida como estratégia de abertura, imparcialidade, polifonia e relação dialógica e democrática dos meios de comunicação. Essas estratégias visam, entre outras questões, a credibilidade e a fidelização do público. Mesmo com tal concepção, é importante ressaltar que a carta, ao ser recebida, “pode sofrer modificações que resultem na reformulação do texto original. Por razões de espaço físico da seção ou pelo teor da argumentação, a carta pode ser resumida, parafraseada, informações podem ser cortadas e, nesse corte, pode haver um novo direcionamento argumentativo”¹⁹.

A partir do cenário político, econômico e social apresentado, a pesquisa teve como objetivo analisar como Fernando Collor de Melo foi representado nas cartas publicadas pela Revista Veja em 1989, evidenciando assim quais eram as imagens políticas que o público tinha do personagem em questão, características e perfis, descobrindo expectativas, desconfianças, desejos, inspirações e outras aspirações e temores expressos nas cartas publicadas que tenham relação com Collor.

HERÓI OU VILÃO?

A presente pesquisa dialogou com a História Social, História Política, Linguística e imprensa. A fonte histórica e o recorte temporal ainda são pouco trabalhados pela historiografia. Diante de tal especificidade, buscou-se contribuir com a produção histórica sobre o período na confluência de análises que dialogam com o social, o político e a mídia.

O pesquisador precisou atentar-se para a parcialidade da imprensa e o controle que os meios de comunicação têm sobre suas publicações. Ao escrever uma carta com a intenção de que a mesma seja publicada, o leitor tenta convencer a redação de que sua carta deve ser divulgada, portanto, é importante que o pesquisador

¹⁹ NOVAES, Ana Maria Pires. “O Discurso Dialógico no Gênero Cartas do Leitor”. *Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, v.3, Número 2, Mai. - Ago. 2012. p. 3.

análise de forma adequada o documento, estando ciente de que tais publicações possuem relevantes diferenças em comparação com as cartas privadas e não devem ser tratadas da mesma forma pois:

Diferentemente das cartas pessoais, de cunho privado, a carta de leitor tem um caráter público, eminentemente aberto. Não se escreve para um parente querido, um amigo próximo, ou um jornalista em especial, mesmo quando parece ser o caso. Escreve-se para os possíveis leitores, que, podendo ser qualquer um, são todos, é o público leitor, heterogêneo e bastante indeterminado²⁰.

O acervo da revista *Veja* encontra-se totalmente digitalizado e disponível para consulta gratuita em seu *site* na internet. Também encontramos o acervo físico do impresso em várias bibliotecas públicas. A pesquisa foi feita em ordem cronológica, iniciando nas primeiras edições do mês de janeiro de 1989 e terminando na última edição do mesmo ano.

Para desenvolver a pesquisa, foi utilizada a análise de discurso como metodologia de investigação e estudo. O discurso é uma prática de linguagem em movimento, não é apenas a palavra isolada e, sim, o conjunto de sentido e significados que o homem utiliza para, de alguma forma, se expressar. O pesquisador deve extrair sentido do texto relacionando a linguagem com o que o enunciador tem a dizer e assim tentar perceber formas de expressão, particularidades, ideologias presente no discurso, podendo também ser observada a relação entre língua e ideologia, portanto, a linguagem de discurso, segundo Eni Pulcinelli Orlandi:

Não trabalha com os textos apenas como ilustração ou como documento de algo que já está sabido em outro lugar e que o texto exemplifica. Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade²¹.

²⁰ MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Campinas, São Paulo, 1999. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. p. 23.

²¹ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. Princípios & Procedimentos. Pontes. p. 18.

A análise do discurso não se limita apenas à interpretação para desenvolver sua pesquisa, ela trabalha com o discurso em conjunto com sua significância, buscando compreender o texto, valorizando seu conteúdo, diálogos e limites. O pesquisador precisou perceber as minúcias e significados presentes na fonte, principalmente suas particularidades e ideologias presentes no texto, para identificar características relacionadas a Collor e à formação das imagens políticas sobre o personagem em estudo.

Durante a pesquisa, identificamos uma dualidade de perfis e representações sobre Fernando Collor de Mello nas Cartas à Redação publicadas no decorrer do recorte temporal proposto. Essa dualidade ocorre durante todo o período eleitoral, as opiniões mistas a respeito do candidato ocorreram com frequência acentuada principalmente nos meses próximos às eleições. Diferente da memória popular que acusa Veja de beneficiar Collor, curiosamente, um número considerável de cartas publicadas pela revista durante o ano de 1989 fazem referência ao candidato com teor pejorativo. Buscando compreender tal aspecto, podemos ressaltar que apesar de ter a maioria das intenções de voto e ser lembrado até os dias atuais como o candidato ideal, Collor foi escolhido por 30,45% dos eleitores no primeiro turno e por 53,03% no segundo turno, portanto, um grande número de eleitores reprovou o candidato à presidência, o que justifica também a dúvida e a desconfiança sempre presentes nas cartas publicadas.

Podemos perceber pela análise das cartas publicadas dois principais perfis para denominar Collor e dentro desses perfis suas variações: o “herói nacional”, como um candidato que veio para mudar o país para melhor, jovem, moderno e íntegro, o “caçador de marajás”, que combateu a corrupção no estado de Alagoas e estava preparado para acabar com o mesmo problema em nível nacional; e o inexperiente, demagogo, que seria apenas mais um, sendo sempre representado como um candidato fraco e principiante, sem alianças políticas e econômicas.

Durante a análise do discurso presente nas cartas, pudemos identificar essas duas principais visões da imagem política de Collor, mesmo com alta popularidade e lembrado até os dias atuais como o candidato ideal durante as eleições, a análise das cartas comprovou que grande parte dos leitores desprezava a ideia de ter Collor como presidente da República:

Hilariante. Este é o termo que se adapta perfeitamente à posição adotada pelo senhor Collor de Mello em relação à sua ausência aos debates de

televisão. Suas justificativas ratificam seu despreparo e vacuidade ideológica. De um candidato como Collor, sem história de luta, sem embasamento teórico, muito menos prático, não se espera muito, além de sorrisos e discursos vazios. Edição 1092 - 16 de agosto de 1989²².

As cartas também frequentemente discutem o passado de Collor, principalmente por suas alianças com políticos considerados duvidosos. Alguns leitores também condenam a escolha do então candidato por ele ter sido contra alguns atos da redemocratização:

Com relação à reportagem “O astro da largada” (17 de maio), é decepcionante ver os brasileiros se agarrarem a uma “tábua de salvação” tão podre. É bom lembrar aos eleitores inconscientes que o Collor de hoje continua sendo o mesmo que apoiou os decretos de arrochos salariais e que votou contra a ementa Dante de Oliveira, ou seja, contra a eleição direta para presidente da República. Edição 1081 – 31 de maio de 1989.²³

Em contraposição, muitos leitores apoiavam o candidato e achavam que ele seria a única solução para os problemas do país, se tornando o “salvador da pátria”, principalmente por sua integridade e jovialidade:

No mínimo excelente a reportagem “O Astro da Largada” (17 de maio) sobre o candidato à Presidência Collor de Mello. O povo brasileiro precisa de um homem com o qual se identifique, que seja jovem, competente, determinado e, sobretudo, disposto a acabar com a imoralidade e a corrupção. Edição 1084 – 21 de junho de 1989²⁴.

A redemocratização e a possibilidade de escolha deu a alguns eleitores a esperança de um Brasil novo e, devido às características referentes ao candidato em estudo, muitos leitores se apropriaram de seu discurso, tornando a eleição de Collor um divisor de

²² MOREIRA, Michaella. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1092, 16 de agosto de 1989. p.15.

²³ CARLOS, Gislaine Azevedo. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1081, - 31 de maio de 1989.

²⁴ OLIVEIRA, Marco Nonato de. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1084, - 21 de junho de 1989 p. 18.

águas na história do Brasil: “sobre a reportagem “O Astro da Largada”, quero dizer que Fernando Collor de Mello é a única luz existente neste buraco negro que é o Brasil. O país precisa, sim, de um presidente novo, com ideias novas, para construir um Brasil novo”. Edição 1082 – 7 de julho de 1989²⁵.

Devido ao conturbado governo de Collor, pressupõe-se que o teor das cartas mude após a posse do ex-presidente, onde os comentários negativos a respeito do presidente, principalmente pela adoção de medidas econômicas frustradas e as denúncias de corrupção, poderão sobressair, marginalizando assim a imagem política de Collor e evidenciando assim que a insatisfação popular deixa de ser apenas com os problemas do país, mas também com a atuação política do personagem em estudo.

A pesquisa não descarta a possibilidade de contribuição ou desamparo político por parte da revista *Veja*. A análise proporcionou um estudo da imprensa e das diferentes vozes sociais através dos leitores que escrevem suas cartas à redação, nesse evento tão importante da história política brasileira. Ao propor analisar e fazer um estudo sobre as cartas enviadas por leitores que foram publicadas na revista *Veja* o pesquisador pode partir de um estudo do campo historiográfico, analisar a outra face da mídia no cotidiano e a opinião de seu leitor. Podemos, portanto, notar como o mesmo se porta em relação às publicações dos periódicos, onde o remetente pode concordar ou discordar, dar sugestões, opiniões, respostas e criticar algo relacionado ao impresso, valorizando a narrativa, o discurso social e político e a relação entre imprensa e público.

Ao trabalhar com fontes como as cartas à redação, a pesquisa proporcionou o diálogo de diversas áreas, como história, imprensa, política e comunicação. Além do diálogo interdisciplinar, a pesquisa também contribui com os estudos de tais áreas, principalmente na questão da historiografia, pois ajudou a valorizar um recorte temporal pouco utilizado ainda nas pesquisas históricas. O curto período de tempo entre os dias atuais e o recorte temporal pode representar um desafio para alguns historiadores, um dos principais focos da escrita desse artigo é contribuir com os estudos relacionados à história do tempo presente, apresentando uma pesquisa coerente e estruturada, que possa valorizar a pesquisa historiográfica brasileira e, apesar da contemporaneidade do

²⁵ ALMEIDA, Claudio Luiz Goes de. “Cartas”. *Veja*. São Paulo: Editora Abril, Edição 1081, - 31 de maio de 1989.

recorte temporal, o estudo de tal período da história do Brasil se mostrou de grande relevância, pois nos remete a questões que envolvem a história do tempo presente, a abrangência dos meios de comunicação e a participação popular na História Política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da imprensa como fonte historiográfica é um importante aliado para os historiadores. Nessas publicações podemos perceber as mudanças sociais, diagramais, como a forma de pensar e se expressar se modifica com o passar do tempo, práticas, costumes e representações referentes ao cotidiano do leitor, redação e local de abrangência da publicação em análise. O estudo das cartas enviadas à redação é recente e busca dar voz aos diversos atores sociais. As cartas são testemunhos, relatos publicados no calor do acontecimento, que demonstram expectativas e apropriações dos leitores e constroem, assim, um diálogo entre leitores e redação. A pesquisa buscou entender essa fonte e relacioná-la a um acontecimento histórico pouco estudado, evidenciando a importância da fonte e a possibilidade de pesquisa histórica com a mesma e valorizando um acontecimento tão importante que ainda é pouco estudado no ambiente acadêmico e escolar.

REFERÊNCIAS

FONTES

Almanaque Abril: A Enciclopédia em um volume. São Paulo: Editora Abril, 1990.

Acervo Digital VEJA. *Veja.* 1988-1992. Ed. 1061 a 1268. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>

Acervo físico da revista VEJA. *Veja.* 1988-1992. Ed. 1061 a 1268. Disponível na Hemeroteca da Biblioteca Pública Municipal Ataliba Lago, Divinópolis – MG.

“Braçadas tranquilas”. *Veja*, São Paulo: Editora Abril. Ed. 1.084, 21 de junho de 1989.

MOREIRA, Michaela. “Cartas”. *Veja.* São Paulo: Editora Abril, Edição 1092, 16 de agosto de 1989.

OLIVEIRA, Marco Nonato de. “Cartas”. *Veja.* São Paulo: Editora Abril, Edição 1084, 21 de junho de 1989.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, D. L. P. de. "A Comunicação Humana". In: FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à Linguística - Volumes 1 e 2: A comunicação humana*.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil o longo caminho*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CONTI, Mario Sérgio. *Notícias do Planalto: A imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CRESTANI, Luciana Maria. *A Participação do Leitor Como Co-Enunciador em Jornais Impressos e On-Line: Abordagem À Luz da Enunciação*. Vivências. Vol. 6, N. 9, Maio/2010.
- FREITAS, Renata Suely. "Identidade, imagem e ética na comunicação política". *Revista de C. Humanas, Viçosa*, Vol. 9, N. 2, jul./dez. 2009.
- MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas à redação: uma abordagem discursiva*. Campinas, São Paulo, 1999. 213 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- NOVAES, Ana Maria Pires. "O Discurso Dialógico no Gênero Cartas do Leitor". *Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis*, v.3, Número 2, Mai. - Agosto. 2012.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. Princípios & Procedimentos. Pontes.
- PEREIRA, Roberto Mendes Ramos. "Os Desafios da História (Política) do Tempo Presente". *OP SIS*, Vol. 7, N. 9, jul-dez. 2007.
- SADER, Emir. *A transição no Brasil: Da ditadura à democracia?* – São Paulo: Atual, 1990.
- SANTOS, Anderson dos. *O espetáculo na política brasileira: a despolitização do político através das imagens de Fernando Collor nas capas da revista VEJA (1988-1992)*. 2008. 255 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

- Atlas das Eleições Presidenciais no Brasil*. Disponível em <https://www.sites.google.com/site/atlaseleicoespresidenciais/1989> Acesso: 27 de outubro de 2015.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa*

do Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso: 27 de outubro de 2015.
